

ITINERÁRIO DE PREPARAÇÃO ao matrimónio iluminado pela **tradição jòla**

AJAJO AU. (ver também apontamentos em Felup).

Enil âi iènul nukòbene, ugautuban alil au. Enil âi baje uah au uá ekin-mi: nugaeban aruncuk au, nòli upamen ajur ou. Jiyonbulen, começais a ser jovens, não sois mais *baal àbu, di jijuror*, juntamente com todo o *buyá abu*, a classe de idade, manjuandadi

Pode ser aconselhado, pode pedir conselho, mas è ele quem escolhe e manda o *aruncen au* a dar a mensagem à família da bajuda.

A mãe da bajuda vai pedir informações no hank ahu do jovem. Depois dá a resposta.

(O papel da família ainda não acabou: continua a abrir o caminho para a vida dos filhos...)

E' toda a classe de idade, que faz o *ejuror âi* em conjunto.

(Era uma comunitariedade que anulava um bocado a pessoa: agora è mais pessoal, mas atenção ao individualismo: quem anda sozinho cai...)

Depois de anunciada a bajuda, o casal entede-se unido. Pode haver algo:

o rapaz pode *awalen bajur obu*: deixar a bajuda porque não a quer mais
a bajuda não podia recusar o rapaz

Ornamentos na cabeça e etapas.

(O caminho è público. Os dois eram julgados praticamente já casados e quase que não podiam parar. Agora devem ser ajudados no contexto da comunidade e decidem se continuar porque reconhecem que são feitos um para o outro ou se se devem separar e procurar outras soluções. Mas a comunidade os acompanha como os acompanhava, com etapas, não automáticas como era então, mas também com certas “etapas” parecidas com as do caminho catecumenal, como diz FC. 66)

O rapaz podia ter a primeira ornamentação na cabeça: *ebul ai, nabulo*

O jovem nunca vai à casa da bajuda sozinho, sempre acompanhado por um amigo; se a bajuda está sozinha, não vão ter com ela, voltam quando estiverem os pais.

O jovem nunca se relaciona directamente com a bajuda, mas sempre por intermédio dum amigo.

Quando vai lavar os primeiríssimo quadro que recebe (*kacàrat aku*), a bajuda vai repicar o arroz ou juntamente com a mãe, ou sozinha, mas nunca ao pé do rapaz e sempre em presença de outros que fazem o mesmo trabalho pouco distante. Se o rapaz quer descansar um bocado, não vai ter com ela, mas com o amigo que lava pouco distante...

(A sabedoria de afastar as ocasiões devido à fraqueza humana. O valor subjacente: queriam que chegassem ao casamento virgens...)

Os jovens são deputados a se interessarem dos doentes, atingindo ao que eles têm (caixa comum) para financiarem cerimónias em prol de alguém doente. Deven ser eles a se interessarem; se não reparam, alguém os pode informar e convidar a se interessarem.

Perguntados se isto continua até agora, as respostas são variadas:

em Katon todos os jovens, nem que tenham caixas distintas, tiram para ajudar doentes.

Em Kassolol só continuaria na tabanca e não com os jovens cristãos. Os jovens depois convidam também as bajudas a ajudarem.

Também o arroz dos jovens funcionava como “amortecedor social” para os que não tivessem mais arroz: emprestavam.

Depois do *ejuror âi* acrescenta:

1. HUGÀB AHU (o segundo)

Nakòbene, agautuban alil. Os grandes podem chamá-lo à ordem, nem que seja juntamente com todo o *buy'abu* (a classe de idade), podem aplicar até sanções.

(*Continua o papel da comunidade...*)

Começa a lavrar um pedaço dele (*kacàrat aku*) e vai também ajudar os sogros na lavoura
NB. A *bajuda* não come juntamente com o rapaz na *bolanha*. Se não há colegas com as quais comer, ela fica com fome até voltar! Aquando da *ceifa*, nem bebe na presença do rapaz!)

2. HUMEMP AHU: acrescenta um segundo círculo ao longo do primeiro (*memp*: unir pelo lado mais comprido, encostar).

As obrigações são as mesmas. Pode haver ainda falhas devidas à jovem idade.

3. BAPEND ABU (*Upend au*) (os botões) que acrescenta em raios a partir do centro

E' ainda alguém que falha, mas logo os repreendem, não vá sobretudo criar problemas com outras tabancas, porque já não o vêem como sózinho, mas como representante da sua tabanca..

A este ponto começam a pedir-lhe contas. Tornou-se alguém responsável, ***an au arinkai au***.

4. HUNGÒM AHU

Coloca botões de cobre, amarelos: *bambelel abu*.

Vem chamado logo à responsabilidade, deve se passar de brincadeiras. Já é grande lutador, *akùjau âmâk âu* e como tal representa a sua tabanca.,

NB. A diferença com o fanado (que criaria sentido de responsabilidade) è que **estas tradições são anteriores ao fanado**, que veio depois e ajudam a construir a personalidade do *ajòl au*.

5. ENTIN ÂI

Acrescenta mais *bambelel abu* (botões amarelos) e insere uma especie de pauzinho (em cobre?) no meio do *ebul ai*, onde amarra as penas de aves. Já está mais perto do casamento. Pode ser mandado parar por um ano mais, quer para lutar, quer porque tem jeito para instruir os mais novos

6. EHANJAKUR ÂI: *bagel abu*, a cabeça está toda recoberta como por um chapéu (o que chamavam em crioulo daqui “fica bus”).

Vão à *bolaña* para receber os quadros de terreno que lhes pertencem: *kacass aku*. As *bajudas* vão ficar em casa de alguém para começarem a ir a *etun âi* (para lançar estreme “*busès abu*”) nos quadros “*ucass au*” que acabam de receber. Toda a família ajuda para eles juntarem arroz que arrumarão na casa nova antes de nela entrarem: não precisam de contratar equipas.

7. ATÈPIK AU (é também o último ano em que lutam).

No fim da chuva começa a construir a casa. Ainda antes do fim da chuva começa a juntar a lama e faz o *hunùt âhu*, o monte de barro com que, juntamente com os jovens e outros que ajudam, fazem *kalu aku*, plasmam as bolas que serão empregues para construir (*tèp= plasmar*) a casa

Deve chegar a fazer o intulho (*Bunìgen abu*) para o tempo da ceifa (*ejal ai*), assim pode arrecadar em casa o arroz novo, ao qual juntará o arroz dos anos precedentes, cultivado nos primeiros quadros recebidos logo depois do ejuror âi. (*kacàrat aku*)

Ao longo do desenrolar destas etapas havia o *EBAND ÂI*, que em Kassolol desapareceu desde várias gerações, mas em Suzana continuou até épocas recentes. Faz-se quando o porco ou os porcos estiverem prontos, mas não nas primeiras etapas porque seria cedo demais, e corresponde ao pagamento do dote. Não é precisado o número dos porcos a matar, mas depende das possibilidades do rapaz. Há quem mate um, mas há quem mate mais do que cinco, depende.

BAJUR OBU (A Moça)

Os pais, antes do *ejuror âi*, perguntam à filha se gosta de fazer *bassùbar abu* (amizade de então, sem nada de sexual) com um rapaz, e chamam diversos nomes, entre os quais colocam o nome de quem veio pedir a filha. Muitas vezes ela diz que aceita fulano, porquê já se entenderam (Suzana). Kassolol dizem que isto nunca acontece, porque não podiam se entender antes.

Quando o nome vem publicado no ejuror âi, a bajuda tem certeza de que o rapaz a quer e não se trata de *bassùbar abu*, mas sim de empenho para casamento.

O rapaz manda entregar uma certa quantidade de vinho de palma ao pai da bajuda, o qual por sua vez chama os parentes, bebem e diz-lhes “tal rapaz filho de tal veio pedir minha filha e vão casar (“*nassoñueban*”).

No mesmo dia do ejuror âi os rapazes dão às bajudas anéis para os dedos ou para as orelhas (em Suzana só...) e galinhas para matarem e prepararem.

Os outros jovens já não podem ir ao pé da minha bajuda, mas os da minha morança sim, porque ela já se tornou nossa parente (*apañor-olal*).

O jovem vai procurar o que serve à bajuda para se ornamentar para as festas (ex. *kuròp aku* para *ekonkon âi*) e manda entregar-lhe pelas mãos de outros meninos (Suzana; Kassolol diz que não, isto faz o *assùbar*; è a bajuda que, no caso de ir ao *biyass abu*, ao voltar traz um pano para o jovem).

A Instrução da bajuda.

Depois de começar a menstruar (*najuk huhlen ahu*, vê o mês/a lua) começam a *cecen-ol*, que não è só “reprender”, mas também “instruir”, “aconselhar com insistência”. Explicam-lhe o que não deve fazer, principalmente que não deve ir com os homens porque se não fica grávida.

(Kassolol: são as bajudas grandes que dão as instruções no “*erulun âi*” das bajudas, onde vão na altura das menstruações (*hàni*). Também lhe explicam quais são os caminhos da tabanca que não deve percorrer (Kassolol: quando estiver com menstruações: um caminho só em Kassolol).

Não dizem nada antes da primeira menstruação, mas depois explicam claramente.

Na altura do baile das bajudas (*hukkoñ ahu*) vestem o pano vermelho próprio: *Hucat ahu*.

Percebe-se quanto falta ao casamento pelo que se vê no jovem, que de ano para ano muda a ornamentação da cabeça. A bajuda não tem traje diferente de ano para ano).

No último ano a bajuda veste outro pano, o *KABUT AKU* (por isso se chama *abutu au*). Em grupo vão à roda ceifar para os jovens que as escolheram e depois dançam e dão volta às novas casas, com o pano novo de Bapend abu, o kabut aku.

Os jovens vão cortar Cibes (*uàhl au*) para fazer “*bupak abu*”, quer dizer cortar *Uonk au*: fendem os troncos de Cibes para fazer vigas para a casa; e o resto das folhas levam às bajudas para fazerem cestos, esteiras etc, para a casa.

As bajudas também vão ceifar nas tabancas do rio (*essu'mulhlù*) de onde voltam com outros apetrechos, como pilões etc.

Aproximando-se a data do casamento.

Kassolol: a data do casamento não vem divulgada cedo: hoje para a noite ou para amanhã.

Se a tua bajuda não está madura, tomas em casa outra, não esperas com a casa vazia, porque precisas de uma mulher em casa para os trabalhos da casa e da bolanha. Com esta mulher podes fazer filhos, mas quando a tua bajuda estiver pronta, mandas embora esta com os filhos e trazer a tua bajuda, porque è ela que tu casaste. A que saiu pode migrar; pode ficar em casa de outro... e de vez em quando vai ter com ela (não bem aceite); há quem fique com as duas.